

Maria Lacerda de Moura

Serviço Militar
Obrigatório
para mulher?
Recuso-me!
Denuncio!



"Cumprir um dever! Cumprir o dever de matar! Mas, não repugna a consciência a ideia de assassinar ou mutilar o semelhante?

E como se pode harmonizar uma consciência com a ideia de matar o próximo?

Quem me poderá convencer de que devo matar alguém?

Que força humana pode armar o meu braço para que eu tire a vida do meu irmão?

Quem tem o direito de impôr a minha consciência o dever de pegar em armas, de fabricar armas ou contribuir para o massacre de uma guerra?

Esse dever é a covardia coletiva. É a bestialidade humana.

O meu dever, o dever que a minha consciência me impõe é o dever de me deixar matar, antes que me obriguem, por uma convenção idiota e útil aos poderosos, a me armar para o massacre dos meus irmãos

De maneira alguma contribuirei, com o meu esforço, para essa carnificina odiosa - em nome dos ídolos da lei, da pátria ou da civilização.

Terei a coragem heróica da abstenção, da resistência, do desafio."

Maria Lacerda de Moura

Serviço Militar Obrigatório para Mulher? Recuso-me! Denuncio!

Maria Lacerda de Moura

**Barricada Libertária
Dança das Idéias
2021**

Edição Original:

Serviço Militar Obrigatório para
Mulher?

Recuso-me!

Denuncio!

(e outros escritos...)

Editora Opusculo Libertário

Lançado originalmente 1933

3º reedição 1999

Digitalização e Diagramação

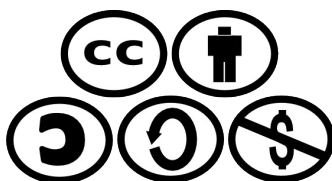
Danças das Ideias
Barricada Libertária
São Paulo, 2021

<http://dancasdasideias.blogspot.com/>

<http://anarkio.net>

lobo@riseup.net

fenikso@riseup.net



Serviço Militar Obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!

Sem Pátria, sem Fronteiras, sem Família e sem Religião... "Afirmando" a Humanidade, tenho que "negar a Cidade"... Fora da Lei: recuso os direitos de Cidadania. O Estado, como a Igreja, são de origem divina... Patriotismo, nacionalismo, fronteira, pavilhão nacional são corolários.

Ídolos vorazes, os Deuses dos exércitos e dos autos de fé exigem vítimas em massa.

A minha família sou eu quem a escolhe.

A Lei impede o direito da escolha e os costumes solidificam as leis.

A Lei nada tem que ver com as minhas predileções afetivas.

Aliás, podemos definir a Lei as palavras de Rafael Barrett: " A Lei se estabelece para conservar e robustecer as posições da maioria dominante; assim, nos tempos presentes, em que a arma das maiorias é o dinheiro, o objeto principal das leis consiste em manter inalterável a riqueza do rico e a pobreza do pobre".

A prova cabal está na queima do trigo, do café, da superprodução - quando há no mundo 75.000.000 de famintos sem trabalho para manter o preço alto das mercadorias, em benefício, não do produtor, mas, do capitalista, que se apoderou do produto -inutiliza-se o trabalho do produtor e deixamo-lo a braços com a miséria e a falta de ocupação.

Uma sociedade capaz de organizar perversamente, legalmente, de tal modo, os costumes bárbaros de acumular riquezas à custa da fome, é de tal requinte de crueldade que não merece absolutamente nenhuma concessão.

Sejamos objetores de consciência, agora que, no Brasil, discutem-se os projetos de uma Constituição moderníssima, tocando as raias do Fascismo...

Porque, se para as trincheiras, é feita a seleção (às avessas!) e são escolhidos os fortes e os jovens - para os serviços militares da retaguarda, nas próximas guerras de extermínio, serão todos aproveitados - homens, mulheres, velhos, enfermos e crianças.

E não façamos como os padres e religiosos congregados que organizam batalhões e os mandam para as trincheiras, conservando-se, aliás, prudentemente, a distância e, depois, recusam-se ao serviço militar obrigatório, sob a alegação de motivo de crença religiosa...

Não nos apoiemos em nenhuma espécie de muletas e muito menos na muleta de qualquer religião - revelado ou positiva.

Sejamos objetores de consciência - por humanidade. Contra a tirania. Contra todo e qualquer despotismo. Contra a tirania da força armada para defesa do Estado - que é o partido dos que estão de cima.

Caminhamos, também nós, no Brasil, para o Fascismo cruel e teatral.

Ainda há pouco (12 de Dezembro de 1932), no banquete oferecido ao General Goes Monteiro, o herói do dia se refere à “famosa” entrevista de Mussolini a Ludvig: “A organização militar é uma síntese da organização nacional. Sem nação organizada e disciplinada não pode haver Exército. Sem o Exército não pode haver soberania. Sem soberania. Sem soberania, não há Estado”.

E o General Góes Monteiro acrescenta que “a tendência da Constituição política brasileira deve orientar-se incessantemente para a unidade total, política, social, moral, jurídica, econômica e espiritual”.

É a disciplina a que se refere Mussolini... A “ação integralista”... E mais, diz o General Góes Monteiro: “ Toda liberdade concedida contra os interesses do Estado será um foco de onde podem brotar germes perigosos. Toda liberdade para fortalecer a segurança do Estado é um bem para a coletividade que deve viver sob permanente equilíbrio social -

o que só a justiça incorruptível alcançará, guiada pelo senso das nossas realidades e necessidades”. (“O Estado de São Paulo” -13/12/1932).

A concepção fascista do Estado é a de um ser com direito a tudo, de origem divina.

O indivíduo é absorvido pelo Estado: é apenas número, elemento, material humano. É a nova concepção do Estado não só fascista como bolchevique.

Diz um artigo de Roger Crosti em “L’Europe Nouvelle” sobre a concepção fascista do Estado: “Para os teóricos do Fascismo, como o Sr. Giovanni Gentile ou o próprio chefe do governo, o Estado é uma atividade moral, uma realidade ética, programa, missão, espírito.”

“L’Etat c’est moi”... Nada de novo... O que é renovado sempre, é o orgulho da “população de cima”.

Luis XIV... Mussolini... Bolchevismo...

Tem razão Mussolini: O qualificativo de “soberano” aplicado ao povo - não passa de um trágico gracejo...

E o Estado moderno pisa por sobre o cadáver mais ou menos decomposto da deusa Liberdade e ainda há de tripudiar por cima dele...

A independência individual está sendo substituída pela concepção de uma consciência coletiva.

Mas, o que é consciência coletiva? - É a consciência dos chefes de Estado:- “L’Etat c’est moi”...

Coincide, com essa concepção, o discurso do General Mariante, saudando ao General Góes Monteiro na referida homenagem durante o almoço no Automóvel Clube do Rio: “ É a alta administração, sobre cujos ombros deve pesar o funcionamento dos demais órgãos constitutivos do corpo nacional, que determina a execução de atos de violência. Não compete ao Exército discutir se tais atos são ou não justos. Cumpre-lhe enfrentar corajosamente a luta, irrigar o solo com o seu sangue, procurar triunfar sobre o adversário com o máximo de honra e integridade de brios”. (O Estado de São Paulo” -13/12/1932).

Foi assim que Mussolini decretou as “expedições punitivas” que durante três anos ensanguentaram a Itália.

É assim que a tirania restabeleceu a crueldade nas prisões fascistas, voltando aos suplícios sistemáticos da era medieval - para disciplinar... e pisar por sobre o cadáver de deusa Liberdade.

Também nós, desgraçadamente, caminhamos para o fascismo tragicômico.

Já temos uma polícia especializada. Já temos a “Carta del Lavoro” e o Ministério... Policial do Trabalho. Vamos ter o voto obrigatório para homens e mulheres.

Teremos o “serviço militar obrigatório total”, isto é - para ambos os sexos!

Recuso-me.

Denuncio.

Por que a mobilização “total” do Brasil?

Qual o “inimigo” que nos espreita?

Isso é fascismo: mobiliza-se todo o Estado no serviço militar obrigatório total; tiram-se todos os movimento das massas trabalhadoras - através da “Carta del Lavoro” e do Ministério do Trabalho; “disciplina-se” o indivíduo por meio das expedições punitivas e do óleo de rícino, e tem-se a “ação integralista”, a unidade total - para que a “população de cima” possa mover-se à vontade - afim de mais facilmente vender o território e o povo trabalhador, na vassalagem aos imperialismos inglês ou yankee, de que já não passamos de colônia e de que são os governantes - os gerentes da Sociedade Anônima Limitada - o Estado, pertencente aos reis do dólar ou da libra.

A nossa mentalidade, filha do português “da governança e da fradaria” não pode encontrar senão esse caminho. Servilmente, ruminamos pelas estradas abertas, da força e da violência. E admiramos a brutalidade. E pedimos o chicote do feitor.

Galgamos, em três meses, um passo gigante para o Fascismo: é o resultado do movimento “pró-Constituição” ...

encabeçado pelos “patriotas” de São Paulo. A violência dá força à violência.

Surge , entre nós, outra casta que até aqui não havia: a casta militar.

E tudo agora no Brasil, vai ser militarizado - para a Glória de Deus e da Igreja, para a Glória do Estado moderno, para a Glória das Milícias do Fascismo.

Nós, que até aqui fomos pacíficos por temperamento e tradições, de agora em diante acompanharemos o toque de reunir façanhudo da mobilização total - “prontos para quaisquer batalhas, seguro auspício de quaisquer vitórias” - segundo o lema Fascista.

A atmosfera moral do mundo civilizado está infeccionada pelo vírus da violência. Não se pode conceber sociedade mais vil, mais hipócrita e mais perversa. É um crime inominável conhecer essa verdade simples que os fatos de todos os dias comprovam - e querer perpetuar a brutalidade e a tirania que vai até a morte da consciência humana - na mobilização da covardia e na tolerância legalizada do crime.

Não podemos pactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo o esforço humano e cuja preocupação absorvente é inventar meios policiais de repressão à coragem heróica da resistência, é criar meios científicos e empregá-los legalmente na técnica da maldade oficializada.

E a mulher, a tutela milenar desta civilização unisexual, a criadora de vida, a sensibilizada trucidada pela prepotência masculina, protesta contra a organização sistemática dos meios de destruição do trabalho e dos meios de morte da juventude.

E o seu lema, a divisa da mulher moderna para um mundo melhor - não é a violência do vampirismo social erigido em dogma da Pátria ou do bezerro de ouro.

A nossa divisa é um postulado de humanidade:

NEM CARNE FEMININA PARA OS PROSTÍBULOS,

NEM CARNE MASCULINA PARA AS BOCAS DOS
CANHÕES.

Por isso, lemos com repugnância muito humana, os telegramas do Rio, de 30 de novembro de 1932, cujos tópicos de uma exposição de ante-projeto da Constituição Brasileira nos alarmaram até as fibras mais íntimas, numa repulsa integral.

O telegrama diz positivamente: “Pode afirmar-se, desde já, que o serviço militar será obrigatório para todo brasileiro que completar 21 anos”. Quanto a essa parte, na futura Constituição haverá um pormenor interessante: “As mulheres também serão obrigadas ao alistamento militar para que possam ficar integralizadas na comunhão político-social. Uma vez chamadas, serão distribuídas pelos diversos serviços auxiliares, como a Cruz Vermelha, Administração, Arsenais, etc”.

A superioridade manifesta da mulher como a criadora de vida para perpetuar a espécie, a maternidade, o aleitamento, os cuidados para com a criança e todas as consequências dessa escravidão que a sociedade faz pesar, por isso mesmo, sobre frageis ombros femininos - deveriam bastar para dar à mulher o direito a viver integralizada na comunhão político-social.

Faço minhas as nobres palavras de Nelly Roussel, uma das grandes mulheres de talento e de coração a serviço da emancipação humana: “O que há de grandeza e de pena na missão materna, não será nunca demais repetir aos homens inconscientes e incompreensíveis. E pretender que aquela que já suporta, só, o mais pesado e o mais sublime dos encargos naturais e sociais, deva ainda, para tornar-se “igual ao homem em direito e valor”, partilhar com ele outros encargos, que ele teve a triste loucura de inventar; admitir que seja o seu concurso à obra da morte que lhe assegure enfim o salário material e moral sempre recusado à sua obra devida ... Isso me parece como uma espécie de blasfêmia.

Se todo direito é a consequência de um dever, nenhum ser no mundo tem mais direito que a Mãe.

E, se a igualdade de direitos supõe a identidade de encargos, e que as mulheres, em virtude desse princípio, se acreditam obrigadas a participar dos encargos militares,

pergunto - por que espécie de meios contam permitir aos homens participar, por sua vez, dos encargos maternais?”.

E é uma injúria gratuita e cruel pretender que a Mãe humana se faça desumana e bestial - tornando-se patriota e enviando o filho às trincheiras - num gesto espartano que é a aberração de todas as leis naturais.

É o que diz Leon Werth em “Clavel Soldat”, esse livro da guerra que é uma dor e um poema de desesperança e de humanidade.

É a sua última página e a transcrevo em homenagem a verdadeira maternidade:

-”Clavel visitou a mãe de um dos seus colegas de escritório, morto na floresta de Apremont. Encontrou uma dama, instalada no seu luto patriótico. Há mães burguesas que não amam bastante os seus filhos, para chorar se eles morrem numa época em que o uso quer que morram os moços. Ela o interroga pelo seu setor, um pouco espantada, decepcionada talvez porque também ele não tenha morrido. Saindo da sua casa, Clavel sentiu-se mais descoroçoado do que quando sob um bombardeamento ou diante dos cadáveres.

Uma velha costureira que fazia os vestidos de sua mãe, o impediu de desesperar. Seu filho de vinte anos fora morto, saindo da trincheira. Ela lhe mostrou a sua última carta: “O que eu vejo é por demais horrível, horrível! Eu não desejaria ser ferido, curar-me, voltar, rever isso. Prefiro morrer. Obrigado pelo que você tem sido para mim”. E ela disse a Clavel:

-Para que ele não morresse, eu daria a França e a Alemanha...

-E ... pensou Clavel, quem a vingará? ... E sobre quem recairá a vingança?”...

Uma mãe burguesa patriota; uma mãe consciente, uma carta de horror, da trincheira.

É isso a guerra. Aí está toda a tragédia das convenções sociais. Aí está - “o grande drama da guerra e da paz”, pensa Clavel.

Os fatos revelam a mulher igual ao homem no requinte da ferocidade e destruição animal e humana. E é lógico. A educação dos sexos está estandardizada na direção dos mesmos sentimentos de classe ou de partidos.

Mas, com uma profunda diferença que deveria constituir vantagem para o homem burguês: nas escolas superiores e nas academias científicas o sexo masculino, aí como na escola da vida, encontra campo vasto para dar trabalho a sua razão. Isso não quer dizer que o homem se aproveite dessa vantagem. Não. Ele se instrui para saber melhor representar o tartufo. “Vencer na vida social” é a sua divisa e, para lá subir, abaixa-se até reduzir a espinha dorsal a um símbolo...

E a mulher burguesa, onde quer que estude, não vai além das emoções. São quase divinas as exceções que se contam por números. Não raciocina, sente. E sente não com o sentimento: sente com o instinto animal ou com o sentimentalismo da folha de parra... além da emoção primária. Não chegou ao sentimento, embora toda a literatura acadêmica.

Está mais próxima da emoção animal: é rancorosa, odienta, vingativa, perseverante nas suas intenções. Não se domina. Não controla as suas paixões. Não quer aprender a ser calma, a realizar-se. Dá largo curso a todos os seus impulsos. Envolve um cachorrinho de estimação em flanelas e o deita na sua almofada ao mesmo tempo que enxota uma criança miserável para que não suje os seus tapetes.

Mme. Duchêne, uma verdadeira pacifista, conta que ouviu de uma mãe com seus filhos e seu genro no “front” - (1914-1918): “Fui a Soissons. Ouvi o canhão, c’était très amusant!”. E continua: “Lembro-me de um filme mostrando cenas atrozes da guerra. De repente passa um canhãozinho na tela. E muitas vozes femininas gritam: “Oh! Pobre animalzinho!”; Assinalei o fato a Romain Rolland; ele foi ao cinema, na mesma cena, ouviu o mesmo grito saído de outras bocas”.

Vale a pena continuar. Diz Mme. Duchêne: “Recebi um dia visita de Mme. Margarida Sarfati, uma italiana, numa

época em que a Itália ainda não havia entrado na guerra. Ela me diz: “ Como é que as Francesas puderam chegar a este estado? Só vi duas mulheres reagir como todas deviam reagir, é Mme. Cruppi e você”.

“Algum tempo depois continua docemente Mme. Duchêne, a Itália entra na guerra. Mme. Margarita Sarfati escreve um volume, com uma ilustração na capa que, por si só é um símbolo: o sangue corre a jorros. É um livro de entusiasmo guerreiro. E hoje Mme. Margarida Sarfati dirige uma revista fascista”.

Embora a conclusão de Mme. Duchene não seja de absoluto desânimo, ela chega a dizer: “ Creio que, se os homens não tivessem medo das melhores, seriam menos belicosos”.

Mme. Séverine, Mme. Duchêne, Nelly Roussel, as poucas mulheres intelectuais, burguesas ou proletárias que se opuseram à guerra momento da guerra, protestando pela palavra, recusando-se a contribuir para o massacre, não indo trabalhar nas oficinas e fábricas de munições - são essas as verdadeiras heroínas.

Mas, a mulher se exalta, com o homem, no despertar do instinto animal de agressão. É contra essa mentalidade de açougueiros que devemos protestar - em nome da humanidade.

A crueldade, o ódio, o sentimento de vingança foram sempre atributos do escravo social - que se não deixa vencer.

E, se fossemos joeirar nos fatos dos últimos acontecimentos de São Paulo?

Foram diversas as senhoras da alta burguesia que davam na rua aos homens não fardados um bilhetezinho nestes termos: “Vista saias. Seja homem. Covarde!”, e outros mais exigentes. Houve damas que esbofetearam oficiais da policia em plena rua, gritando “Traidor!”. Outras diziam: “Quando morrerem os homens, iremos nós”.

E mais doloroso: as mães e as professoras mobilizaram as paradas infantis com os estandartes: “Se for preciso, também nós iremos”. E hoje, nas escolas paulista, as professoras continuam a “educação” militar e guerreira dos pequeninos

paulistas para uma revanche contra os seus próprios irmãos brasileiros.

Durante a grande guerra, mulheres francesas furaram os olhos dos prisioneiros alemães. E Leon Werth em “Clavel Soldat” conta que uma “dura burguesa, rosto de Juno, sobranceiras graves e peito em proa” dizia: Eu era enfermeira em uma estação. Pediram-me merenda para os feridos boches. Respondi: “Dou pão ... guardo a manteiga para os feridos franceses”.

As melhores fazem assim...

A mulher limita o seu raio de ação aos entes que dela estão mais próximos. É defensora da cidadela fechada e egoísta da família de sangue dentro da lei. Ou a defensora da “Cidade”. É, portanto, reacionária, a defensora incondicional dos prejuízos sociais e dos preconceitos patrióticos e religiosos - as comunas básicas em que se apoiam os frojadores das guerras.

A mulher é tão desumana quanto o homem. A sua lógica sentimentalista é lamentável, de um ridículo infantil tão característico que chega a atrair a simpatia.

Assim, em todas as classes sociais, dentro do quadro geral de todas as culturas intelectuais femininas, a sua lógica é subordinada ao afeto, é uma lógica de partidos, apaixonada, emotiva, exaltadíssima, acompanhando os seres que mais de perto lhe tocam o coração ou acompanhando a família legal, embora todas as discórdias intestinais...

Daí a sua crueldade, o seu indiferentismo ou sua ferocidade contra aqueles que podem prejudicar aos seus ou contra os que pensam de maneira diversa.

Quando intelectual, fecha-se dentro do seu partido - é a mesma coisa. Daí a palavra de Kollontai: (“La Voix des Femmes” - 16 de março de 1922): “A participação das operárias e camponesas na armada soviética não deve ser apreciada somente sob o ponto de vista do auxílio prático que as mulheres já deram no exército e no front, mas, segundo a transformação que arrasta inevitavelmente a questão da

participação da mulher na obra militar”.

E Alexandra Kollontai é dura como o homem do seu partido, e, como o homem, de quaisquer partidos, quer arrastar a mulher às mesmas crueldades ferozes do instinto guerreiro. Destrói toda a grandeza delicada da missão feminina de paz e amor - querendo torná-la “igual” ao homem nos direitos à ferocidade exigida pelo Estado. Diz Kollontai: “Se a revolução de outubro estabeleceu as bases da supressão da desigualdade passada, entre sexos, a participação ativa das mulheres nas principais frentes comuns: a frente do trabalho, a frente vermelha aniquilou os últimos prejuízos que entretinham essa desigualdade”.

Kollontai se esquece da desigualdade da escravidão doméstica e da desigualdade bem maior da maternidade... Diz ainda: “A partir do momento em que a mulher é chamada no exército, a opinião, do que ela é na sociedade, forma-se definitivamente como sendo a de um membro do Estado, igual ao homem em direito e valor”.

Assim na Rússia bolchevique, assim na Itália fascista: enquanto dura o perigo.

Passado esse, são obrigadas, como há pouco, na Itália fascista, a se retirar dos empregos - para ceder o lugar aos desocupados masculinos, que tem direitos adquiridos pela força secular do sexo...

Assim as proletárias comunistas, burguesas fascistas, burguesas democratas - a mulher deve estar contente! Dentro da lei, pode furar os olhos do inimigo.

Se, até aqui fez por prazer, a sua própria mobilização, agora será um número legalizado no grande rebanho da carnificina em defesa da Pátria e da Religião.

Há três meses, neste Brasil pacifista, de parte a parte, as burguesas de São Paulo ou as feministas do Rio de Janeiro movimentaram-se para a guerra prestando “conforto moral” aos soldados, distribuindo sorrisos, “bombons” e cigarros.

Fizeram jus a defesa nacional...

Tanto se postou ostensivamente ao lado da violência,

tanto aplaudiu, tanto homenageou os "heróis", tanto endeusou aos vitoriosos, tanto se pôs ao serviço do massacre humano, tanto mostrou as suas qualidades varonis que conquistou o direito do voto, e, com ele, o dever de matar.

Porque, o homem forte e varonil, vitorioso e herói - acha que sua própria mãe não subiu até ele... Para que tenha direito aos seus direitos - deve nivelar-se a ele na sua bestialidade.

Os sexos se equivalem nas "imbecilidades específicas"...

Mas, ambos pacifistas, da "raça ovina dos pacifistas passivos" - na frase pitoresca de Romain Rolland.

Como homens, as mulheres organizam embaixadas da paz... Tal qual como o homem na Sociedade das Nações ou nas Conferências do Desarmamento.

E, tal qual como o homem, batiza trens blindados ou vai prestar "conforto moral" aos combatentes e prisioneiros.

As exceções, homens ou mulheres, burgueses ou proletários, merecem todas as homenagens dos corações bem altos dos que subiram além da violência e da crueldade.

A humanidade merece outras glorificações de amor e solidariedade - muito além dos festins canibalescos dos prostíbulos ou das trincheiras.

A humanidade merece outras glorificações de amor e solidariedade - muito além dos festins canibalescos dos prostíbulos ou das trincheiras.

Por isso, subscrevo as palavras de Romain Rolland: "Constituamos uma frente única contra a guerra. Sob essa bandeira devemos formar um exército de homens e de mulheres de toda a terra, para declarar, para impor a paz no mundo. Nossa campanha tem um objetivo concreto - guerra à guerra - e o que menos nos importa é o uniforme de nossos confederados. A única coisa que nos interessa é a sua franqueza, sua intrepidez, sua abnegação absoluta a causa que nos une". (Mensagem ao Congresso mundial contra a Guerra - Amsterdam - 27/28/29 de agosto de 1932).

E mais: em entrevista recente, Romain Rolland declara: "A guerra ameaça de todos os lados. É preciso levantar-se

contra ela e contra os que a convertem em indústria. Guerra à Guerra!”.

E começamos, protestando a nossa revolta contra a mobilização feminina e masculina nos serviço da guerra.

A guerra é a bestialidade acordada no homem: enquanto os seres humanos não souberem resolver os seus problemas ou as suas necessidades pela razão, enquanto os seus recursos de animalidade se limitarem a força bruta e erigirem em lei o princípio da violência carniceira, estrançalhando-se como animais ferozes sem mesmo o objetivo da luta pela nutrição imediata - inútil falar em razão, espiritualidade, fraternismo, solidariedade, sentimento de amor ao próximo, verdade, justiça ou evolução humana.

Não passamos de bestas carnicieras. Por isso, tem razão Einstein: “Parece-me ridículo, para não dizer trágico, que se espere que os técnicos ponham fim a essa barbárie que é a guerra. O desarmamento não é uma questão técnica, mas, de boa vontade.

É uma banalidade falar do maravilhoso ressurgimento da técnica nos últimos cem anos. Esses inventos são tão perigosos nas mãos das atuais gerações, como a navalha de barba nas mãos de uma criança de três anos: - em vez de libertar o homem, o que fazem é aumentar as suas preocupações e reduzi-lo à fome.

Os armamentos modernos conduzem as guerras e o desenvolvimento do maquinismo nas fábricas, a superprodução, isto é, a fome.

Graças aos aperfeiçoamentos da técnica, chegaremos a suprimir, em um abrir e fechar de olhos, milhares de vidas humanas e o fruto de um trabalho imenso.

É preciso declarar a guerra fora da lei”.

O mundo inteiro está às portas do fascismo. O inimigo comum tem dois nomes: guerra e fascismo. A nossa bandeira tem dois lemas:

Guerra a guerra!

Guerra ao fascismo!

E não se suponha que a guerra seja ainda uma hipótese e que pode ser afastada de modo algum.

Já há dois anos que a guerra - sem declaração de guerra - é efetiva entre Japão e China.

A Índia assiste diariamente, há dois anos, ao massacre de hindus a gases e a metralhadoras.

Na América do Sul, sabemos-lo de sobra...

Em vez da “mobilização total” do Brasil, se não há demônio capaz de provar semelhantes loucuras da perversidade bestial da sociedade capitalista - por que razão não se pensa, antes, na neutralidade absoluta - em face da tragédia macabra que o mundo civilizado, pejado de ciência, prepara para os nossos dias desgraçados?

E se não for tomada a resolução decisiva de combater a guerra, se povos inteiros e indivíduos isolados não desafiarem a guerra pela neutralidade absoluta em face de quaisquer contendidas, desencadeadas pelos governos - cúmplices da Internacional Armamentista - a luta se generalizará automaticamente pelo mundo todo, e gases e micróbios, a peste, a fome e os raios da morte não deixarão mais ninguém para brigar outra vez...

“Não matarás”.

“Ama ao teu próximo como a ti mesmo”.

“Não faças a outrem o que não queres que façam a ti”.

A sociedade cristã, piedosa, caridosa, é o Anticristo do Apocalipse...

II

É Joseph de Maistre quem abre as páginas do livro de Fernand Corcos, no seu inquérito documentado e doloroso: “As mulheres em guerra”. Diz Joseph de Maistre: “No vasto domínio da natureza viva, reina uma violência manifesta, uma espécie de raiva que arma todos os seres... Assim, há insetos de presa, répteis de presa, aves de rapina, peixes de rapina e quadrúpedes de rapina. Não há um instante da duração em que o ser vivo não seja devorado por outro. Acima dessas numerosas raças de animais está colocado o homem cuja mão destruidora nada poupa do que vive. Mata para se nutrir, mata para se vestir, mata para se adornar, mata para atacar, mata para se defender, mata para se instruir, mata para se divertir - mata por matar”...

E Joseph de Maistre raciocina com amargura: “Há no homem apesar de sua imensa degradação, um elemento de amor que o leva para junto dos seus semelhantes; a compaixão lhe é tão natural como a respiração. Por que magia inconcebível está ele sempre pronto, ao primeiro rufo do tambor, a se despojar desse caráter sagrado para marchar, sem resistência, muitas vezes mesmo com certo regozijo, afim de reduzir a pedaços, no campo de batalha, a seu irmão que nunca lhe ofendeu e que, por sua vez, avança para lhe fazer o mesmo, se puder?”

Fernand Corcos, nesse livro, sujeita a mulher a um interrogatório documentadíssimo; concorda com de Maistre e pergunta:

“Sim, o homem, mas a mulher?”

Dada, pelos fatos, rigorosamente catalogados, a equivalência das “imbecilidades específicas...”, a mulher, arrastada pela bestialidade do homem, estandardizada a educação na voracidade dos ídolos sangrentos da Pátria e da Religião, entre as cartas de intelectuais do número da sua documentação interessantíssima, encontramos este conceito admirável de Charles Gide: “Embora economista de profissão,

não partilho a doutrina na moda, de que a guerra não é senão o resultado de fatores economicos. São as paixões, muito mais que os interesses, que desencadeiam as guerras; as mulheres, mais ainda que os homens, estão sujeitas ao impulso das paixões.”

O problema não foi posto nos devidos termos: os industriais de armamentos, o capitalismo, o mundo político e economico aproveitam-se das paixões, excitam os instintos belicosos do patriotismo, lançam mão do prejuízo nacionalista e desencadeiam as guerras - em proveito dos seus interesses de chacais que se nutrem dos campos de batalha e assentam os seus milhões por sobre montanhas de cadáveres.

E a Internacional Armamentista é, verdadeiramente, a única Internacional sem Pátria, sem fronteiras, sem Família e sem Religião...

E defendia, ferozmente, pela Pátria, pelos interesses de fronteiras, de Famílias e de Religião...

E a consciência coletiva forte, reacionária, para perseguir, exilar, martirizar, executar, fuzilar, os indesejáveis humanos, os objetores de consciência, cuja a Pátria é o Universo, cuja a Família é a Humanidade.

III

Há três maneiras diversas de idealizar o termo das guerras.

1º - Aumentando os exércitos. Multiplicando os arsenais. Fazendo crescer em qualidade e quantidade as máquinas de guerra. Mobilização geral: homens, mulheres, velhos, enfermos e crianças. Exércitos gigantes abrangendo toda a população civil. A gigantania no sentido militar.

2º - Limitação de armamentos.

3º - Desarmamento.

Enquanto discutem em Genebra a limitação de armamentos ou o desarmamento geral na farsa tragédia da Sociedade das Nações, os governos se armam até os dentes.

É o primeiro postulado que está vigorando. A Rússia bolchevique mobilizou permanentemente a mulher - para a próxima defesa dos seus princípios: a chamada Ditadura Proletária.

A Itália Fascista organizou o fascio feminino e as competições atléticas para a mulher.

Tenho em mãos a edição alemã “A luta pelo desarmamento”, em quatro línguas - inglês, alemão, francês e castelhano - na qual há fotografias de moças em trajes militares e até munidas de máscaras para gases, outras em exercícios de tiro, marchas, etc. E as legendas: “Homens, mulheres, crianças. Em vez de envernizar os bancos escolares, os estudantes poloneses aprendem a montar como soldados de cavalaria e as moças a atirar na infantaria”.

E mais: “Homens, mulheres, crianças. Não é somente na Rússia soviética, mas também na Polônia, Estados Unidos e Inglaterra que se dá instrução militar as mulheres”.

O Japão segue a mesma divisa. E, na China modernizada, nacionalista-soviética, sabemos que as mulheres irão as trincheiras, como as russas, quando necessário.

Já se vê que o primeiro argumento está sendo apoiado fortemente - para paz geral...

Os contrários ao primeiro método de idealizar a paz, sabendo que a “defesa da pátria” está acima da maternidade e da natalidade; certos de que toda a população civil será militarizada; cientes de que, quando as nações entram nesse caminho, a casta militar guerreira e destruidora dominará, e, todos os créditos lhe serão outorgados para o massacre - em prejuízo de tudo mais (instrução, saúde, assistência, etc.); que será o advento do crime, do saque, da peste, da miséria, sem resultado, sem benefício algum para o gênero humano, porque “a ciência matou a consciência”; e que “a força de cada nação não será proporcionalmente aumentada, mas perdas em vidas humanas e em riquezas serão singularmente engrandecidas”; e, em virulência o ardor guerreiro, despertos os instintos bestiais de carnagem, mais dificilmente serão apaziguados; exasperadas as paixões, ninguém mais poderá conter a onda de delírio e destruição; e o respeito a vida humana, o respeito à liberdade individual e ao espírito de independência constituirão um mito no seio de uma organização social de canibais civilizados e intoxicados da ciência de matar; e que essa “loucura planetária” é o suicídio coletivo do gênero humano através da gigantania da técnica de guerra científica;

-Os contrários a gigantania dos exércitos e da mobilização geral de todos os seres utilizados nos departamentos da guerra, passam a pedir o limite dos armamentos ou o desarmamento total.

As duas últimas hipóteses são tão absurdas como a primeira.

Limitar os armamentos é impossível no estado agressivo e industrial a que chegou a organização social. Cada país quer a hegemonia e defende agressivamente o seu imperialismo contra o imperialismo vizinho.

E a indústria dos armamentos é a Maquiavélica Associação Anônima que governa o mundo moderno.

O desarmamento total é ainda mais utópico.

Seria preciso primeiro desarmar os espíritos. E a

humanidade não é composta de Cristos ou de Gandhis.

Seria necessário que todos os povos se transformassem em povos de apóstolos. E, seria mudada a face do mundo... Mas, um apóstolo sozinho é amordaçado ou executado, e, desencadeia mais perseguições, mais ódios e mais violências, mais vinganças e mais crueldades do que seriam precisas para eliminá-lo em benefício da “populaça de cima”.

Que o digam Sócrates e Cristo.

Tudo é anticristo na sociedade Cristã.

E Gandhi vai morrer voluntariamente para não confessar que ainda não é tempo de despertar os mortos...

Dar a outra face à bofetada social, por amor, não pode medrar na civilização do bezerro de ouro que responde com o box ou com a guerra científica: Inútil...

Só um povo inteiro de apóstolos a altura de Gandhi.

Assim, é a primeira idéia a que predomina sob a máscara de paz - com intenção de hegemonia e independência nacional contra a independência e hegemonia de além fronteiras.

Portanto, a “iniciativa ousada do projeto de lei” elaborado sob a presidência de M. Paul Boncour a “Comissão de estudos do Conselho superior da defesa nacional” (França), defendia pelo mesmo senhor, como “rapporteur” ante a Câmara, “consiste- segundo as consequências da última guerra - em declarar que não há mais distinção entre aqueles que são chamados sob bandeiras e os outros. Sem distinção de idade ou de sexo, todos devem servir nos lugares que lhe são assinalados, todos os recursos dos país devem ser retesados para a sua libertação”.

Desse modo, o que a mulher faz hoje, por prazer, de livre e espontânea vontade ou dentro do fatalismo da passividade, ou impelida pela covardia de resistir ao delírio coletivo - Cruz Vermelha, Cruz Azul, Cruz Verde, polícia, substituição nos serviços públicos, organização de obras de assistência e espionagem - terá de fazer pela mobilização geral.

Isso significa simplesmente que chegou o momento extremo de tomar uma deliberação de acordo com os sonhos de

fraternismo, solidariedade humana e não violência que há anos vamos idealizando, nós, os avanguardistas, os forjadores do porvir.

Quanto a mim, recuso-me a contribuir para a carnagem civilizada da próxima guerra científica.

Recuso-me a me alistar ou a comparecer à chamada geral de mobilização.

Recuso-me a cooperar, de qualquer modo, no exército de extermínio da vida humana e do desrespeito a liberdade individual. Desde já me considera alistada ao lado daqueles que serão sacrificados, voluntariamente, a santa nacionalista.

Prefiro morrer a matar.

E prefiro morrer - a cooperar com a loucura militarista e patriótica na destruição da vida e no aviltamento da dignidade individual.

Espero o dia, bem próximo, em que, o mundo inteiro conflagrado numa guerra de extermínio, determine o fuzilamento em massa dos objetores de consciência nos quatro cantos da terra.

E, desafiando a brutalidade coletiva, eu me apresentarei voluntariamente afim de ser fuzilada logo, poupando a mim mesma a amargura de ver o desatino do direito da força, embandeirada em arco de triunfo, a tripudiar por sobre a consciência humana, iluminada por um Cristo ou dignificada por um Gandhi.

E que não se queixem as mulheres. Essa mobilização é sua obra. É o resultado do seu ardor patriótico a serviço dos governos ou dos partidos políticos. É a sua inconsciência carinhosamente cultivada pela passividade mental.

É o seu servilismo, a domesticidade a repetir a palavra de ordem da civilização unisexual. São as mulheres que, elegantes, ontem a hoje, enchem as salas dos hospitais da Cruz Vermelha, levando o “conforto” moral e os “bombons” e os sorrisos e as promessas aos guerreiros.

São elas que se oferecem às oficinas militares, aos arsenais, às fábricas de munições e que vão atirar flores nos

soldados que, em massa, acovardados pelo número, passam nos vagões, como carne para o açougue.

São elas que, endeusadas pelo Patriotismo e pela Religião, nas estações das estradas de ferro, distribuem sorrisos e refrescos e gulodices e cigarros, estimulando os homens ao massacre dos seus irmãos. São elas que auxiliam o clero a enviar a carne para canhões - no ardor patriótico em nome daquele Cristo manso e doce de coração.

Que amanhã, quando for “legalizada” e declarada a mobilização feminina, não se queixem ou não venham dizer, como os homens de hoje, civis e militares, que “são obrigados”, que vão “cumprir um dever”. Patriotas ou passivamente resignadas - são cúmplices dos homens nesse delírio trágico de gigantania militar.

Cumprir um dever! Cumprir o dever de matar! Mas, não repugna a consciência a ideia de assassinar ou mutilar o semelhante?

E como se pode harmonizar uma consciência com a ideia de matar o próximo?

Quem me poderá convencer de que devo matar alguém?

Que força humana pode armar o meu braço para que eu tire a vida do meu irmão?

Quem tem o direito de impôr a minha consciência o dever de pegar em armas, de fabricar armas ou contribuir para o massacre de uma guerra?

Esse dever é a covardia coletiva. É a bestialidade humana.

O meu dever, o dever que a minha consciência me impõe é o dever de me deixar matar, antes que me obriguem, por uma convenção idiota e útil aos poderosos, a me armar para o massacre dos meus irmãos

De maneira alguma contribuirei, com o meu esforço, para essa carnificina odiosa - em nome dos ídolos da lei, da pátria ou da civilização.

Terei a coragem heróica da abstenção, da resistência, do desafio.

Faço minhas as palavras de Einstein, o maior cientista vivo: “Eu me recusaria a todo serviço de guerra, direto ou indireto e procuraria convencer os meus amigos a adotar a mesma atitude, e isso independente de toda opinião crítica sobre as causas das guerras”.

E mais: “Sou pacifista absoluto. Estou disposto a que me citeem como opositorista ou derrotista, sem nenhuma restrição quanto à guerra e aos métodos de violência. Essa atitude não é somente baseada em um teoria científica, mas também na aversão e no desgosto profundo a crueldade a ao ódio”.

O projeto de M. Paul Boncour, na França, como a mobilização da mulher russa, polonesa, inglesa, americana ou fascista-italiana constituem, desgraçadamente, o início da organização da gigantania militar da técnica moderna - para o massacre científico. Será o suicídio coletivo.

Acabou-se a paz no mundo.

Desertemos. Não pactuemos com esses crimes abomináveis. Nesse caso, o fuzilamento equivale a libertação. Sócrates, Cristo preferiram esse caminho.

Será o nosso, se tal for preciso.

A ciência matou a consciência. Ou o massacre humano nas guerras científicas vencendo a técnica moderna que determinará a extinção da espécie, pela morte ou pela degenerescência, ou a salvação pela não-violência heróica - na suprema resistência a perversidade organizada legalmente pela mediocracia de bandidos ou vampiros sociais.

Ou Gandhi e Einstein ou “tanks” e gases e submarinos e aviões e raios da morte e aero-foguetes dirigidos pela epilepsia da força e do poder.

Ou a bondade evangélica de Gandhi e a sabedoria de Einstein ou o reinado das indústrias pesadas de armas e munições dos chacais que acumulam fortunas por sobre o luto, o martírio e sangue. Ou a violência armada e o massacre de todo o gênero humano ou a não-violência e o alvorecer da consciência - no conhecimento do fraternismo - para novos

rumos em busca do pão e do bem estar para todos.

Desafiando a bestialidade desumana, eu me alisto ao lado da “Internacional dos Resistentes a Guerra”, para a ação direta da não-cooperação com o massacre canibalesco que a sociedade civilizada preparou para os nossos dias dias. E me coloco, individualmente, sem nenhum compromisso de associação, junto dos maiores expoentes do pensamento contemporâneo, com Norman Angell (Inglaterra), Natanael Beskow (Suécia), Harry Kessler (Alemanha), o ex-presidente do Reichstag Paul Lobe (Alemanha), Victor Margueritte (França), Philip Snowden (Inglaterra), Rabindranath Tagore (Índia), Barbedette (França), Einstein (Alemanha), Bertrand Russel, Georges Duhamel (França), Arnold Zweig, H. G. Wells, Sinclair Lewis, Han Ryner (França), generais Verreaux (França) e Von Schonaich (Alemanha) e Bratt e Bronskog (Suécia), Remarque (Alemanha) - todos resolvidos a desafiar a guerra pela não-cooperação com o massacre pela suprema resistência a violência organizada pelos governos, na degenerescência delirante de extermínio e crueldade.

Recusando-me a pactuar com essa “loucura planetária” apresento testemunhas de cientistas que, tendo sido chamados pelos respectivos governos, recusaram-se a prestar-se às experiências de gases asfixiantes para o desenvolvimento macabro da técnica moderna, e são: professor Soddy (Grã-Bretanha), professor Cohen (Holanda), Dra Gertrud Woker (Suíça) - “La Percé” - Runham Brown - “Internacional dos Resistentes a Guerra” - 11, Abbey Road, Enfield (Middlesex) - Inglaterra.

Em conclusão: Como o homem, emotiva, apaixonada, a mulher se exalta, estandardizada a sua mentalidade pelo tipo comum masculino, e é cumplicidade dos seus desatinos no delírio planetário das guerras. É a grande maioria.

A outra parte, aceita os fatos consumados, resignadamente passivamente, estoicamente, sofrendo-lhes os horrores, as lágrimas na garganta, como uma fatalidade social, sem protesto, prestando-se aos manejos de todos,

servindo de instrumentos passivos nas mãos dos patriotas guerreiros, manejadas habilmente pelos tartufos do moraliteísmo religioso.

É necessária uma clarividência heróica para ver a inconsciência ou a perversidade dos que são pelos cordéis deste Guignol voraz do capital e da industria.

Depois, mas coragem para saltar fora desse trampolim social no desafio e crueldade organizada legalmente.

Desprezo a vida - para desafiar a corrente e denunciar os histriões macabros dessa farsa planetária.

E já se contam por números, no mundo inteiro, os homens e mulheres dispostos a recuar, num supremo exército de resistência, e apontar o caminho da deserção e da objeção de consciência - as gerações de moços enganados miseravelmente pelos vampiros da organização social do bezerro de ouro.

A solução do angustioso problema não pode ser a passividade sentimental das lágrimas ou a passividade trágica da resignação feminina - o que chega a ser também cumplicidade.

A luta contra a guerra é uma guerra tremenda, a luta aberta de vida ou de morte, contra todas as forças sociais reacionárias, é a ação direta, a mais poderosa força revolucionária do mundo moderno.

Todos os governos são cúmplices, consciente ou inconscientemente, dos canibais civilizados, forjadores das guerras.

As Nações nada representam e não são grandes nem se elevam pela infernal estratégia de seus generais, mas, iluminam o mundo pelo gênio humano de seus pensadores e artistas.

Unamo-nos as mãos e os corações, homens e mulheres de todas as raças, de todos os seres conscientes do mundo inteiro - contra a ferocidade bestial das próximas guerras de extermínio.

Proclamemos a nossa humanidade: não há Pátrias, não

há fronteiras para as leis naturais.

Todos os humanos são, como Sócrates, cidadãos do Universo.

E a Internacional do Pensamento deve suprimir a vergonha bárbara da Internacional Armamentista.

Dezembro - 1932

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,
vivo e de amplas possibilidades,
sem opressão e
sem exploração ...



ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!

PREFIRA TROCAR - DOAR -

COMPARTILHAR - RECICLAR ...

SE TENS PRINCÍPIOS,

NÃO DEIXE OS "VALORES" TE MANIPULAR!



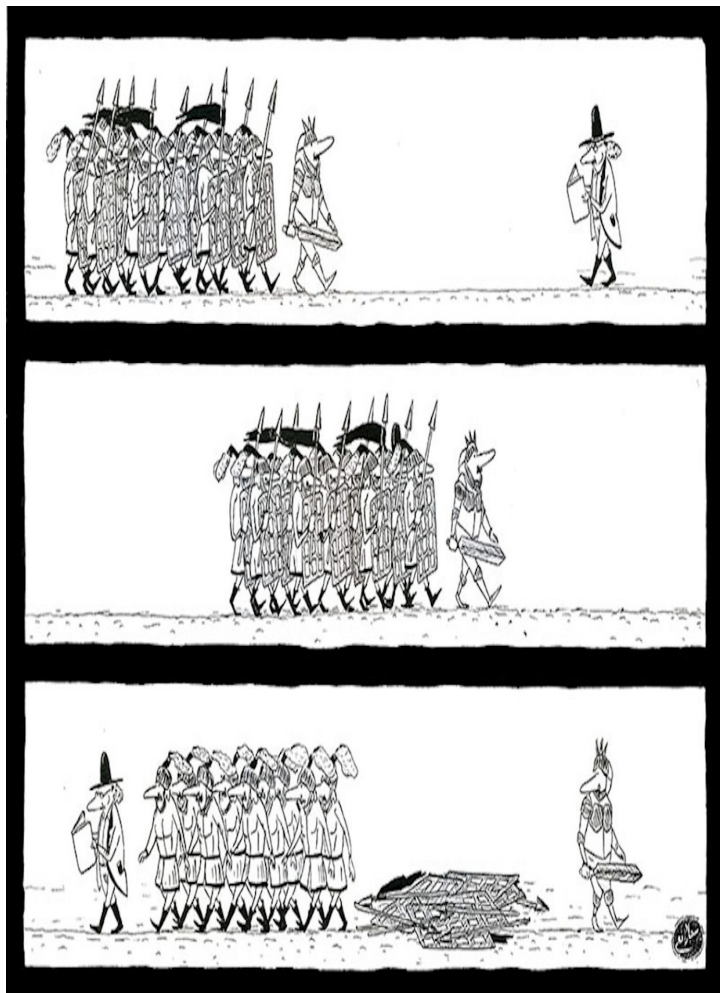
Barricada Libertária - lobo@riseup.net

Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net

<http://anarkio.net>

Movimento Anarquista





Leia!

A stylized illustration of a hand holding a book. The hand is rendered in dark brown and black tones with red highlights, giving it a graphic, almost stencil-like appearance. The book is held diagonally across the frame. The cover of the book is black with the word 'HISTÓRIA' written in yellow, bold, capital letters. The background is a solid light orange color.

COMBATENDO
A IGNORÂNCIA,
DERROTAREMOS
O AUTORITARISMO,
O ESTADO, O CAPITAL,
AS RELIGIÕES E OS PARTIDOS!!!